

VIOLÊNCIA NA CARNE: as semioses da mercantilização física e simbólica de corpos minorizados¹

VIOLENCE IN THE FLESH: the semiosis of the physical and symbolic commodification of minoritized bodies

Nísia Martins do Rosário²
Marília Melo Port³
Ricardo de Jesus Machado⁴

Resumo: *O presente artigo tem por objetivo investigar processos de semiotização da carne na cultura contemporânea, buscando desvendar modos pelos quais determinados discursos naturalizam, simbolizam e legitimam sentidos atrelados ao consumo e à mercadoria, ao mesmo tempo que mascaram diversos níveis de violência. Nesse percurso, focando no consumo da carne, partimos de articulações teóricas entre comunicação, cultura, semiótica e cosmopolíticas de compreensão de mundo, trazendo autores como Pross, Haraway e Cusicanqui. Enfim, alcançamos reflexões que apontam para a necessidade de desnaturalizar dinâmicas comunicacionais que, através da fragmentação mercadológica da carne, levam à banalização da violência física e simbólica.*

Palavras-Chave: *Comunicação. Cultura. Semiótica. Violência. Carne.*

Abstract: *This article aims to understand the semiotic processes of meat in contemporary culture, seeking to uncover the ways in which certain discourses naturalize, symbolize and legitimize meanings linked to consumption and the commodity, while simultaneously masking various levels of violence. In this process, focusing on meat consumption, we draw on theoretical articulations between communication, culture, semiotics and cosmopolitics of worldview, bringing in authors such as Pross, Haraway, and Cusicanqui. Ultimately, we arrive at reflections that point to the need to denaturalize communicational dynamics that, through the market fragmentation of meat, lead to the trivialization of physical and symbolic violence.*

Keywords: *Communication. Culture. Semiotics. Violence. Meat.*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Cultura. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

² Professora e pesquisadora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, doutora em Comunicação, nisiamartins@gmail.com.

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bacharela em Jornalismo, mportmarilia@gmail.com.

⁴ Professor e pesquisador na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), no Programa de Pós-Graduação em Artes, Comunicação e Territorialidades, doutor em comunicação, ricomachado@gmail.com.

1. Considerações iniciais

Este texto parte de uma provocação para o deslocamento do olhar e do pensamento sobre uma temática que atravessa a pesquisa dos autores, mas que ainda não foi tratada diretamente por nenhum de nós. Ao mesmo tempo, a proposta exigiu a desterritorialização dos pontos de vista e a busca por informações e conhecimentos em zonas ainda não trilhadas. O resultado foi o tensionamento de concepções, o diálogo construído em encruzilhadas e a conexão com diferentes pontos de vista teóricos.

Assim, entre as tantas possibilidades de fenômenos de pesquisa que envolvem a cultura e a comunicação, optamos por uma temática um tanto inusitada, considerando aquelas que foram apresentadas nos últimos anos no GT Comunicação e Cultura da Compós. O artigo trata da carne como texto da cultura abordando suas formas multifacetadas de manifestação. O objetivo é compreender processos de semiotização da carne na cultura contemporânea, buscando desvendar modos pelos quais determinados discursos naturalizam, simbolizam e legitimam sentidos atrelados ao consumo e à mercadoria, ao mesmo tempo que mascaram diversos níveis de violência.

Ainda que o signo carne opere sobre o não verbal e sobre outros significantes, o termo verbal tem alto nível de significância. A etimologia vem do latim *caro*, *carnis*, referindo-se originalmente aos tecidos dos seres vivos e, em sua base indo-europeia (*ker-*), significando cortar ou tirar pedaços. No inglês, *flesh* tem origem germânica (*flaiska-*), usado para corpo, partes musculares de animais e para alimento; *flesh* teria a raiz proto-indo-europeia (*pleik-*) e designaria rasgar ou esfolar (para esta última origem, todavia, não há consenso). Por outro lado, *meat* (*mete*), no inglês antigo, se liga à comida, à nutrição e ao sustento; nesse mesmo caminho, vai a etimologia proto-germânica⁵. Por fim, se considerarmos os usos etimológicos religiosos (bíblicos), a palavra carne se associa ao grego (*sarx*) cujos sentidos se conectam a natureza humana ou pecaminosa e ao hebraico (*basar*) abrangendo todos os seres vivos. Nesse percurso já é possível vislumbrar, diacronicamente, algumas das semioses possíveis do termo, que, sem dúvida, foi incorporando outros significados, ajustando-se aos contextos de uso e à relevância que o produto/fenômeno assumia nos processos culturais e nos ambientes comunicacionais em que estava inserido.

⁵ Fontes: <https://origemdapalavra.com.br/>; <https://www.dicionarioetimologico.com.br/>; <https://www.etymonline.com/search?q=meat>; <https://biblia.com.br/dicionario-biblico/c/carne>. Acesso em: 07 fev.2026.

É possível afirmar, por essa via, que a carne recebe contornos polissêmicos ao longo da história e, da mesma forma, contemporaneamente, comunicando sentidos políticos, espirituais, filosóficos e críticos, entre outros. Basta prestar atenção em sentenças corriqueiras, tais como: “a carne é fraca”; “onde se ganha o pão não se come a carne”; “unha e carne”; “por cima da carne seca”; “carne de pescoço”; “a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus”; e “quem comeu a carne que roa os ossos”. Apenas para ilustrar a empregabilidade e as atualizações possíveis, esclareceremos duas delas.

A expressão “a carne é fraca” tem caráter teológico, com origem bíblica do Novo Testamento (Mateus 26:41)⁶, e se refere ao cansaço que pode se abater sobre o corpo físico mesmo que o espírito seja forte. O trecho do Evangelho convoca a vigiar, orar e não cair em tentação, ao mesmo tempo que reforça a dualidade estabelecida entre o corpo físico e o espírito. Atualmente, os sentidos dessa paremia se organizam a partir de um juízo axiológico, considerando a fragilidade e a dificuldade de controlar desejos e impulsos (principalmente sexuais), trazendo um caráter multidimensional que envolve o psíquico, o moral e o fisiológico. Já a frase “por cima da carne seca”⁷ tem origem brasileira no período Colonial e do Império, quando os transportadores de charque (tropeiros) levavam os produtos sobre burros e, para se sentar com um pouco mais de comodidade, colocavam pelegos sobre a carga. A expressão tinha o sentido de conforto e até de fartura, sendo que em seu desdobramento passou a ter conotação de riqueza e superioridade.

De forma geral, entre os sentidos assumidos pela carne na cultura contemporânea estão, por um lado, os relativos à sexualização, à subserviência, aos prejuízos à saúde, aos maus tratos, entre outros. Todos esses significados estão situados no polo negativo dos processos binários de organização da cultura – assunto tratado mais adiante. Por outro lado, a depender da produção comunicacional e do processo tradutório, a significância da carne pode mudar de polo, inserir-se no positivo, por exemplo, pelos benefícios à saúde como fonte de proteína, em oposição aos seus prejuízos citados anteriormente, ambos comprovados pela ciência. Pode-se citar, também, o valor econômico de sua produção e as confraternizações que envolvem

⁶ O texto bíblico em Mateus (26:41) corresponde a uma fala atribuída a Jesus, quando ele encontra os discípulos dormindo ao chegar de suas orações: "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca".

⁷ Fonte: <https://veja.abril.com.br/coluna/augusto-nunes/deonizio-da-silva-por-cima-da-carne-seca/>. Acesso em: 9 jan. 2026.

alimentação e nas quais a carne é um dos elementos centrais, capaz de gerar vínculo pela alegria e pela interação.

A reflexão aqui apresentada tem como ponto de partida o entendimento de que a rede de significância da carne, organizada pelos processos comunicacionais e culturais, produz articulações discursivas geradoras de abundantes posicionamentos e comportamentos. Não nos interessa apresentar uma avaliação das qualidades positivas ou negativas da carne. Provocados pelo desafio descrito no início dessa seção, concentramo-nos, principalmente, em um aspecto: a carne como desejo. Das várias possibilidades engendradas por este desejo, interessa-nos, de forma particular, a carne animal (há no Brasil mais cabeças de gado que seres humanos) e sua conexão com os ordenamentos de mundo, as violências e as cosmopolíticas. Todavia, estamos cientes de que há outras dimensões desse desejo-carne que são relevantes e que, igualmente, se associam a corpos minorizados, ao consumo e à mercadoria – assuntos que serão focados em outro momento.

A compreensão dos processos comunicacionais da carne se articula, nesta reflexão, na tecitura de uma teia de conhecimentos/saberes que vêm de territórios diferentes, mas que se complementam e se fortalecem. Com essa convicção, elaboramos as bases teórico-metodológicas deste artigo sobre três eixos, principalmente. Entrelaçamos o aparato conceitual da semiosfera (Lotman, 1996) e da alfabetização semiótica proposta pela Escola Tartu-Moscou com a noção de violência simbólica de Pross (1980) e com sua proposta analítica que considera a testagem da realidade, a reparação para a rigidez sgnica, bem como a observação atenta, a experiência empírica e a geração de tensões pelo exame minucioso dos sistemas de significação. Essa composição só ficou completa ao trazermos valiosas contribuições do pensamento *ch'ixi*, que, entre suas concepções, defende a existência de outros modos de pensar e, nessa via, de outros modos de semiotizar.

A próxima seção se volta para a semiotização da carne e a construção de violências simbólicas na comunicação por meio da imposição de significados que atravessam a reprodução e a atualização de sentidos em textos culturais. Na terceira seção, busca-se contextualizar a cultura da carne por meio de dados que ajudam a delinear o panorama do consumo desse produto no Brasil e sua conexão com lógicas do capitalismo e da mercadoria, as quais produzem diferentes níveis de violências e de hierarquias. Na quarta seção, pensa-se a transformação de seres vivos em mercadorias como processo de dominação e a conversão da violência em um ativo financeiro, mas a ênfase está na alternativa que as cosmopolíticas

buscam oferecer a tais processos. Por fim, no fechamento do texto, são trazidas algumas inferências e questões suscitadas a partir do debate em tela.

2. A comunicação e o signo da carne

Para entender a dimensão comunicacional e o âmbito de significância da carne, é necessário adentrar, minimamente, na ambiência do signo. Pross (1980, p. 23, tradução nossa)⁸ nos auxilia nesse percurso, ao observar que “a realidade dos signos é a realidade das relações sociais”, sendo consenso na semiótica que a realidade só tem existência pela mediação dos signos. Isso permite entender que a forma como organizamos, apropriamo-nos e utilizamos os signos, em síntese, indica o modo como comunicamos e compreendemos o mundo.

Para fins deste trabalho, defendemos a existência de uma semiosfera da carne, ou seja, uma dimensão abstrata em que se realiza a comunicação e a semiose. Para Lotman (1996), sucintamente, a semiosfera é um espaço (acrescentamos tempo pelo viés da diacronia) em que são processadas informações, organizados e atualizados sistemas de signos, produzidas traduções e transcodificações, criados novos textos. Assim, a semiosfera tem alta capacidade modelizadora e semiotizadora da realidade e, ao mesmo tempo, é produtora de irregularidades, tensionamentos e movimentos com diversas intensidades e velocidades.

Nessa dimensão se pode estudar a semiose da carne como produtora de articulações com o ambiente comunicacional e com outros ambientes produtores de significação, evidenciando, na maioria dos casos, a adesão a regras, regularidades, continuidades e previsibilidades destes ambientes, os quais estão instituídos sobre determinadas matrizes ideológicas, paradigmas e cosmovisões. Desse modo, a semiose da carne se configura numa operação comunicacional complexa, articulada sobre um conjunto de fatores em interrelação, entre os quais estão os contextos, os ambientes, os códigos, as linguagens, as competências tanto de produção quanto de tradução e os procedimentos de circulação, mediação e reprodução (repetibilidade) dos textos.

É possível afirmar, igualmente, que os textos culturais da carne, ao habitarem territórios diversos – como os sociais, econômicos, filosóficos, religiosos, ambientais e científicos –, são materializações de discursos que buscam algum tipo de legitimação, um tanto de simbolização e, muito provavelmente, procuram impor traços de prescrição. As disputas de sentidos,

⁸ Trecho traduzido livremente da versão em espanhol: “la realidad de los signos es la realidad de relaciones sociales” (Pross, 1980, p. 23).

portanto, fazem parte do legado discursivo e comunicacional da mesma forma que suas forças de categorização. Foucault (1999) nos ajuda a melhor entender esse funcionamento ao afirmar que existem procedimentos atuando sobre o discurso a fim de produzir organização, seleção, controle e redistribuição do mesmo. Nesse panorama, não se pode esquecer os processos de tradução, por vezes criativos, outras vezes dificultosos, ou restritos a padrões culturais.

Ao apresentar suas ideias sobre a violência dos símbolos sociais e a estrutura simbólica do poder, Harry Pross (1989, 1980) explica os modos pelos quais a cultura e a comunicação, sobretudo a midiática, produzem dominação e violência por meio dos signos. Um dos aspectos relevantes trazidos por ele é a vinculação dos processos de organização do mundo a elementos primários da cultura que estão, também, na base da comunicação e que se constituem a partir de binarismos opositivos (como por exemplo claro/escuro, homem/mulher, direita/esquerda). Sem muito esforço, pode-se detectar esses traços em muitos dos discursos circulantes no presente. Ao discorrer sobre a construção binária horizontal/vertical – que se desdobra, respectivamente, em eu/outro e em superior/inferior –, o autor sistematiza um modo de compreender os processos de significação em sua intrincada conformação.

Na prática, as relações desenvolvem-se horizontalmente, conforme determinado pelo contexto. As ordens humanas coexistem. Mas são determinadas por imaginações e avaliações que se orientam verticalmente, dos valores mais elevados aos valores mais baixos. [...] Os seres humanos vivenciam o significado da coexistência horizontal das relações com base na hierarquia verticalmente estruturada das suas crenças de valor em todas as práticas sociais. (Pross, online, tradução nossa)⁹

É, precisamente, essa necessidade de dar ordem ao mundo, sentir segurança e, portanto, fugir do caos, que leva à criação de signos, arranjos semânticos, hierarquizações, padrões de comunicação que, por sua vez, produzem modelos de percepção, de interpretação de mundo e de comportamento. Na reflexão de Pross (1980), essa mesma ordenação que permite a realização da comunicação e o avanço da cultura está atravessada por lógicas de dominação que produzem violência simbólica ao prescrever, de forma arbitrária, um conjunto limitado de regras, modelos e comportamentos válidos. É relevante pontuar que a violência simbólica não trata apenas da dominação cultural, mas se atém ao modo como os sistemas de signos (as

⁹ Trecho traduzido livremente da versão em inglês: In practice the relations develop horizontally, as determined by the ground. Human orders exist side by side. But they are determined by imaginations and evaluations that are oriented vertically from the highest values to lowest unvalues. [...] Human beings experience the meaning of the horizontal relations side-by-side existence on the basis of the vertically structured hierarchy of their value beliefs in all beliefs of social practice (Pross, online).

linguagens) organizam a imposição da significação pela validação de determinados textos e pela definição de seus significados. Nesse processo, é importante a consolidação (e a imposição) de símbolos que reforcem o poder hegemônico, moldando a realidade e produzindo identificação. Desde esse ponto de vista, o símbolo pode ser entendido como uma forma de coação.

Assim, a constelação de signos criada pelos humanos se constitui, na maioria das vezes, de maneira arbitrária e precisa ser validada por uma determinada semiosfera (seja ela científica, econômica, social ou outra). Segundo o autor, tal validação se dá de forma vertical e determina a realidade social, ou seja, os modos de organização dos signos são condicionadores de ideias, imaginação, comportamentos, ritualizações, estruturando uma escala de mediação que leva à produção de símbolos e de ferramentas tanto de direcionamento do comportamento humano, quanto de controle do mesmo. Por outras palavras, o funcionamento da comunicação, coordenado por hierarquizações, lógicas de padronização arbitrária e de dominação, impõe uma simbolização que gera violência.

As mídias terciárias (Pross, 1971) potencializam esses ordenamentos comunicacionais e um dos caminhos que elas adotam para a realização da violência simbólica é o distanciamento do público, mas operam, sobretudo, pela robusta capacidade de reprodução massiva e de legitimação de conteúdos que se coadunam com o potencial para a repetição. Nessa esteira, deve-se levar em conta, da mesma forma, as valorações verticais e a simplificação das mensagens. Quando operam sobre a repetição e a simplificação, as mídias não exigem esforço interpretativo fazendo predominar os sentidos organizados sobre os binarismos que acabam por produzir, igualmente, códigos de exclusão. Em acréscimo, no viés das reflexões do autor e dos desdobramentos tecnológicos dos últimos tempos, não se pode deixar de pensar sobre a colonização de dados e considerar a colonização do pensamento – mas esse é um assunto para outro artigo.

Por fim, é importante observar que os processos comunicacionais da carne operam como mediadores da realidade, estão conectados ao ordenamento do mundo e, nessa via, são potenciais criadores de violência simbólica. O ambiente que fundamenta a realização de todos esses movimentos é a cultura, entendida a partir de Clifford Geertz (1989) – sinteticamente, como “teia de significados” tecida pelo humano. Essa noção, por um lado, permite a compreensão do isomorfismo entre cultura e comunicação e, ao mesmo tempo, destaca a importância dos processos de significação e das linguagens nesses dois campos. Por outro lado,

essa perspectiva conceitual abre espaço para a assimilação da amplitude dos significados dos textos culturais da carne e ativa a reflexão sobre a tecitura dessa “teia de significados”.

3. Consumo: a culturalização da carne

Disseminado através da cultura, o consumo de carne é um hábito bastante tradicional no Brasil. Aprendemos a ingerir muito antes de aprendermos a questionar. Geralmente, a carne é fragmentada em partes menores, algumas mais apreciadas do que outras, um indicador sobre o estilo de vida da cultura que as consome e de suas relações intraespecíficas e com os demais animais. Tipos diferentes de carne costumam representar posições sociais diferentes, uma vez que cortes nobres são frequentemente associados ao *status* e à fartura, por exemplo. Nesse sentido, a carne explorada e disputada não é somente aquela que termina preparada para constituir (talvez a parte principal de) uma refeição.

Os dados sobre a carne no Brasil são imponentes. Atendendo às demandas de “[...] uma ideia elástica de globalização” (Segata; Beck; Muccillo, 2020, p. 366), o país, há anos, já carrega o título de maior exportador do mundo¹⁰. Entretanto, em 2025, tornou-se também o maior produtor mundial de carne bovina, com a fabricação de um volume de 12,35 milhões de toneladas desse produto¹¹. Sem contar as demais espécies animais frequentemente destinadas ao abate para consumo humano, foram mortos no ano passado mais de 11 milhões de vacas/bois, mais de 15,8 milhões de porcos e quase 1,7 bilhão de frangos¹². No mercado interno brasileiro, a disponibilidade *per capita* estimada para 2026 é de mais de 100 kg de carnes – provenientes de aves, porcos e vacas/bois¹³. A carne de cada espécie apresenta números diferentes, mas em geral elas têm como característica comum o registro de recordes recentes de produção e de exportação de várias delas¹⁴. Todas essas informações reforçam um fato

¹⁰ Dados do Departamento de Agricultura Estadunidense (USDA) disponíveis em: <https://ers.usda.gov/publications/pub-details?pubid=92599>. Acesso em: 07 fev. 2026.

¹¹ Dados do Departamento de Agricultura Estadunidense (USDA) disponíveis em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/downloads>. Mais especificamente em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/reporthandler.ashx?reportId=2693&templateId=7&format=html&fileName=Beef%20and%20Veal%20Production%20-%20Top%20Countries%20Summary>. Acesso em: 04 fev. 2026.

¹² Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) respectivamente disponíveis em: <https://www.ibge.gov.br/explica/producao-agropecuaria/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

¹³ Dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) disponíveis em: <https://www.gov.br/conab/pt-br/atualizacao/informacoes-agropecuarias/analises-do-mercado-agropecuario-e-extrativista/analises-de-mercado/quadro-de-oferta-e-demanda/alho>. Acesso em: 03 fev. 2026.

¹⁴ Dados específicos podem ser consultados nos sites de entidades como a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) e a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC).

sabido – os rebanhos são tidos exclusivamente como um “recurso” econômico a ser explorado. Em um lampejo de memória territorializada, é válido lembrar que os animais de criação mortos no contexto da inundação que assolou o estado do Rio Grande do Sul em 2024 foram contabilizados como aspecto de perda econômica¹⁵.

Acreditamos que essas informações sejam suficientes para sustentar o argumento de potência da cultura da carne voltada para a produção e para o consumo, transformando-a, sobretudo, em mercadoria. Nessa perspectiva, a partir de Segata, Beck e Muccillo (2020) aderimos à noção de que *o capitalismo opera na carne*, em sentidos diversos – a carne sangra dentro e fora do prato, na conjunção de opressões sobrepostas. O pensamento desenvolvido pelo autor e pelas autoras produz um direcionamento importante para uma reterritorialização dos sentidos da carne, trazendo à tona significâncias tornadas opacas nos processos hegemônicos de semiose, ou seja, mostrando a ligação pulsante entre o capitalismo, a carne como mercadoria e os processos de violência gerados. Igualmente o faz em relação ao desenvolvimento de um pensamento crítico que se constrói pelo exame atento dos fatos.

A reflexão sobre o tema permite entender que são vários níveis de violências hierarquizados e interseccionados também pelas demais estruturas de dominação que operam em consonância com o capitalismo – colonialismo, patriarcado e especismo. Dessa forma, “a indústria de processamento de carnes [...] tece uma miríade de encontros íntimos entre humanos, animais de vida curta e baixa resistência a doenças, resíduos químicos e orgânicos altamente tóxicos e relações de trabalho precário e de sofrimento compartilhado” (Segata; Beck; Muccillo, 2020, p. 364). Assim, sustentam-se mutuamente os pilares fundamentais das supracitadas formas de dominação e opressão difundidas na cultura hegemônica. O objeto “carne” em si, produto final de uma extensa cadeia produtiva, resulta de uma série de fragmentações não apenas literais, como também simbólicas – “são processos silenciosos que intersectam e corporificam o capitalismo e o Antropoceno e suas hierarquias raciais, de classe e multiespécie” (Segata; Beck; Muccillo, 2020, p. 365).

Fazendo jus ao panorama instaurado, a área de pastagem quadruplicou no Brasil em pouco menos de quatro décadas – só na Amazônia, 73% de toda a área de pastagem não existia

¹⁵ Dados da Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS-Ascar) estão disponíveis em: <https://estado.rs.gov.br/upload/arquivos/202406/relatorio-sisperdas-evento-enchentes-em-maio-2024.pdf>. Acesso em: 15 set. 2025.

antes dos anos 1990¹⁶. Esses são números do mesmo país em que o setor agropecuário é responsável por 97% da perda de vegetação nativa nos últimos anos¹⁷ e pela emissão de 15,7 milhões de toneladas de metano só em 2023, com 97,9% desse total proveniente apenas das atividades ligadas à pecuária¹⁸. Essas condições degradantes para o planeta também mantêm trabalhadores do setor em situações insalubres. Em mais um aspecto da longa rede exploratória da carne, cabe destacar ainda que 51% dos casos descobertos de trabalho em condições análogas à escravidão estavam ligados à pecuária, no intervalo de tempo compreendido entre 1995 e 2020¹⁹. Além de tudo isso, lembramos por fim que o Brasil é um país situado no Sul Global, historicamente mais vulnerável aos desastres ambientais.

É válido frisar que os processos elencados acima não são ocasionados isoladamente pela carne, mas, sim, pelo capitalismo como um todo, considerando os impactos do produtivismo que antecede e oportuniza o consumo em questão. Nesse sentido, reforçamos que a objetificação mercadológica não é apenas da ordem do consumo, mas, sobretudo, da ordem da escala produtiva em que ele está inserido. Portanto, o mercado da carne não é, de forma alguma, o único sujeito a essas normas, mas, neste caso, ajuda a centrar a nossa análise no motor de tal violência: a transformação, obviamente não consentida, de seres vivos sencientes em animais para alimentação.

Diante desse cenário, a lógica capitalista se prova incompatível com possibilidades de um futuro próspero que seja capaz de desafiar as previsões desanimadoras sobre as mudanças climáticas e de sequer levar em consideração perspectivas humanas e outras-que-humanas coexistentes e minorizadas. Certos movimentos engajados nessas causas têm se popularizado cada vez mais, como é o caso do vegetarianismo e do veganismo, recorrentes inclusive no meio acadêmico, através de vertentes teóricas como os ecofeminismos e os estudos multiespécies, entre outras. Ainda no eixo das decisões de nível individual, 7% da população brasileira se

¹⁶ Dados do MapBiomias disponíveis em: https://brasil.mapbiomas.org/wp-content/uploads/sites/4/2023/10/FACT_MapBiomias_Agropecuaria_04.10_v2.pdf. Acesso em: 06 fev. 2026.

¹⁷ Dados do MapBiomias disponíveis em: https://alerta.mapbiomas.org/wp-content/uploads/sites/17/2025/05/RAD-2024_Destaques_14.05.2025_FINAL.pdf. Acesso em: 06 fev. 2026.

¹⁸ Dados do Observatório do Clima disponíveis em: https://seeg.eco.br/wp-content/uploads/2025/09/Brasil2045_Bases_NDC_Metano_2025.pdf. Acesso em: 10 fev. 2026.

¹⁹ Dados do Repórter Brasil disponíveis em: https://reporterbrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/12/Monitor-8_Trabalho-escravo-na-industria-da-carne.pdf. Acesso em: 09 fev. 2026. Ver também: <https://reporterbrasil.org.br/wp-content/uploads/2025/10/ReporterBrasil-TrabalhoEscravo-Pecuaria.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2026.

considerava vegana no final de 2024²⁰. Essa escolha pode refletir motivos diversos, desde empatia com os animais até recursos financeiros insuficientes para sustentar o ato, passando pela iminência do colapso ecológico. O cenário demonstra que as redes de significação da cultura estão sempre sendo tecidas, seja pela incorporação de novos textos, seja pela ressignificação de textos em uso. Esses movimentos se revelam indispensáveis no sentido de produzirem tensionamentos sobre a cultura da carne.

Tomamos de empréstimo as emblemáticas “espécies companheiras” de Haraway (2021), para quem é caro o vínculo entre humanos e cães, a fim de estender essa expressão como uma possibilidade relacional também ao vínculo que estabelecemos com os bichos tidos como de fazenda, domesticados ao longo do tempo e submetidos ao genocídio especista e carnista. Nunca estivemos de fato apartados dos demais animais e nem mesmo das demais formas de vida. Essa indissociabilidade intrínseca, que consequentemente atravessa a história da carne, permite-nos afirmar que, “[...] enquanto habitantes da tecnocultura, é nos tecidos simbiogenéticos da natureza-cultura que nos tornamos quem somos, nas narrativas e nos fatos” (Haraway, 2021, p. 21). É nesse mesmo sentido que a autora sentencia: “a palavra se faz carne nas naturezas-culturas mortais” (Haraway, 2021, p. 108), com limites borrados entre o objeto e os discursos acerca dele, assim como entre natureza e cultura.

A autora defende que as maneiras pelas quais habitamos o mundo se atravessam incessantemente, uma vez que coexistimos não apenas entre diferenças humanas, mas também extra-humanas, que estão igualmente implicadas na constituição da realidade que conhecemos. As nossas lutas por existências mais dignas se somam e refletem umas nas outras. É preciso levar em consideração, também, outras formas de compreender e conceber o mundo, muitas das quais sencientes e sujeitas às mesmas leis biológicas que nós na maneira de experimentar os fenômenos. Fazemos coro à afirmação de Haraway (2021, p. 24), ao defender que “viver com animais, habitar suas/nossas histórias, tentar contar a verdade sobre relacionamentos, coabitar uma história ativa: esse é o trabalho de espécies companheiras, para quem ‘a relação’ é a menor unidade possível de análise”.

Essa relação é um dos aspectos propositalmente ocultos no que diz respeito aos textos culturais da carne (Adams, 2018), um conjunto de discursos responsáveis pela construção e pela manutenção do que se entende por carne na cultura. Os textos da carne se fazem vigentes

²⁰ Dados da pesquisa realizada pelo Datafolha para a Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) disponíveis em: <https://drive.google.com/file/d/1STJ9zEY3M-8nl8GaCZVsrkMtUlxavSJz/view>. Acesso em: 04 fev. 2026.

sob diferentes formas e em inúmeros contextos, normalizando e validando não apenas o hábito do consumo e a cadeia (re)produtiva que gira em torno dele, como também uma estética engendrada a ele. A exemplo disso, no Rio Grande do Sul, essa estética costuma estar ligada ao churrasco, um ritual que há séculos permeia uma aparente identidade compartilhada pelo povo gaúcho.

Os dados quali-quantitativos apresentados ao longo desta seção acionam questionamentos sobre os processos hegemônicos de significação da carne, tendo em vista, sobretudo, a exclusão de códigos e de contextos nessas dinâmicas potencialmente geradoras de violência simbólica e conectadas a outros diversos níveis de violência. Nessa via, a próxima abordagem, busca confrontar a transformação de seres vivos em mercadorias, tensionando paradigmas econômico e político do capitalismo.

4. Da política da violência à cosmopolítica

Motivados pela questão que fecha a seção anterior, debruçamo-nos sobre o debate em torno da violência, algo que não é novo no âmbito científico, especialmente no campo das Humanidades e das Ciências Sociais Aplicadas. Há, porém, um cacoete epistemológico que costuma partir da excepcionalidade humana para tratar o tema. A esta altura, claro está, nossa proposta está em um desvio (não uma negação) à perspectiva Naturalista, de tal modo que nos interessa mais encarar as contradições da violência – não sua moralidade – em sua dimensão semiótica.

Não por acaso, neste contexto, John Berger, crítico de arte e romancista, oferece um olhar fenomenológico à questão. “O camponês se afeiçoa a seu porco e fica satisfeito em salgar a carne deste mesmo animal. O que é significativo nesta frase, e de difícil compreensão para um forasteiro da cidade, é que as duas orações estão conectadas por um *e* e não por um *mas*” (Berger, 2021, p. 21, grifos do autor). O que esta passagem, aparentemente banal, revela? O trecho coloca em causa dois mecanismos fundantes da violência contemporânea: a separação radical entre natureza e cultura (afinal o camponês se afeiçoa ao porco, vê no animal um “semelhante” apesar da dessemelhança); a transformação da carne, seja humana ou animal, e em mercadoria. Em comum, entre as duas variáveis, há o que costumamos chamar de “objetificação”, processo que visa destituir de qualquer direito tudo que não for um ser humano da nossa espécie – muito embora, até mesmo dentro da espécie, muitos sejam destituídos de

direitos. Portanto, a questão da violência aparece como uma questão filosófica, semiótica e política, mas de alcance cosmológico, pois envolve todas as classes de humanos.

Tal afirmação requer que explicitemos, então, como este trabalho compreende o conceito de cosmopolítica. Considerando a complexidade da conceituação, porém buscando apresentar a ideia de forma sucinta, partiremos de uma formulação sintética e ensaística bastante recente de Viveiros de Castro. Para isso, tomamos dois eixos de sua tríplice formulação: “A primeira fórmula é o famoso lema zapatista: ‘Queremos um mundo onde caibam muitos mundos’; a segunda é uma questão colocada pelo pensador Ailton Krenak, em seu livro sobre o tempo, o mundo e o fim: ‘Somos mesmo uma humanidade?’” (Viveiros de Castro, 2026, s/p). Estabelecidos os marcos de discussão da Cosmopolítica, abordaremos primeiramente uma crítica à divisão Naturalista e sua consequente objetificação de tudo que não é visto como Homem (categoria de espécie e gênero), depois passaremos às condições econômicas e políticas a que os corpos são submetidos, para retornar à cosmopolítica.

Em *A reinvenção da natureza* (2023), publicado originalmente há mais de 30 anos, Donna Haraway propõe uma crítica ainda atual ao paradigma científico, que coloca de um lado as ciências puras (da natureza) e, de outro, as aplicadas (os estudos da cultura, sociais etc.), relegando somente à segunda a dimensão subjetiva. “Todas são versões de uma filosofia da ciência que explora a ruptura entre sujeito e objeto para justificar a ideologia dupla de objetividade científica firme e da mera subjetividade pessoal” (Haraway, 2023, p. 12). A crítica da autora não está em nenhum dos polos da divisão, mas na separação entre uma e outra, de tal modo que sua proposta reside, precisamente, em trazer as ciências da natureza para o debate sociológico e vice-versa.

Por esse ponto de vista, superar a divisão fundamental entre humanos e animais não é somente, como adverte a autora, uma forma de libertar os animais da dominação patriarcal-capitalista, mas uma forma de libertarmos a nós mesmos. Haraway toma como referência à sua crítica um trabalho de Clarence Ray Carpenter²¹, no qual o autor sustenta a hipótese de que certos indivíduos machos de um bando de primatas estudado são os responsáveis por manter a ordem social do grupo, pois quando são retirados do coletivo há um certo desequilíbrio. Carpenter atribui o episódio a uma determinação biológica, que comprovaria, em sua tese, que a dominação dos machos é algo necessário à ordem social – conclusão debatida e contestada

²¹ O principal estudo, objeto da crítica, está publicado na obra *Naturalistic Behavior of Nohuman Primates*. University Park: Pennsylvania University Press, 1964.

por Haraway –, sugerindo que tal dinâmica seria extensível à nossa sociedade. A cabotinagem da conclusão de Carpenter reside na hipótese que organiza sua pesquisa, tributária de uma leitura vulgar (ainda que comum na primeira metade do século XX) do evolucionismo darwiniano, orientada pela ideia de competição e dominação. Tal chave de leitura era coerente e servil a uma lógica capitalista que tivesse como princípio manter a dominância masculina²². Frente a este conjunto de aspectos, Haraway propõe a possibilidade de se

construir uma teoria socialista-feminista do corpo político que evite o reducionismo fisiológico em suas duas formas: (1) a capitulação às teorias do determinismo biológico de nossa posição social; (2) a adoção da ideologia, basicamente capitalista da cultura contra a natureza, negando assim nossa responsabilidade em reconstruir as ciências da vida. (Haraway, 2023, p. 16)

A alternativa proposta por Haraway confronta o paradigma econômico e político que vigora de forma hegemônica, o capitalismo. Atravessar o problema, porém, requer pensar uma *crítica* que ultrapasse a *crítica da economia política*, não para negar Marx, senão para pensá-lo para além do paradigma eurocêntrico. Nessa via, a intelectual boliviana Silvia Rivera Cusicanqui nos oferece um manancial de alternativas às lógicas hegemônicas do ocidente a partir da perspectiva ch'ixi. De certo modo, a autora traz uma resposta à provocação de Haraway na medida em que define a epistemologia ch'ixi, formulada coletivamente, como “o esforço de superar os historicismos e os binarismos da ciência social hegemônica, que, por sua vez, descrevem e interpretam as complexas mediações e a heterogênea constituição de nossas sociedades” (Cusicanqui, 2024, p. 18). Não é o caso aqui de aprofundar em todos os aspectos da teoria ch'ixi, alta em complexidade e abrangência, senão de pensar a dimensão econômica e política entre os corpos.

Para tanto, é necessário um pequeno desvio a outra autora feminista e latino-americana, Sayak Valencia, que traz uma definição muito atual sobre a lógica do capitalismo contemporâneo, que nem sempre opera sob o regime de acumulação, mas, precisamente, de destruição. “[...] A destruição do corpo torna-se o próprio produto, a mercadoria, e a acumulação só é possível contando o número de mortos, já que a morte se tornou o negócio mais lucrativo” (Valencia, 2010, p. 16, tradução nossa)²³. Em suma, a questão de fundo, um

²² Esse exemplo do percurso científico de Carpenter é excelente para ilustrar a reflexão de Pross sobre como se articula a imposição e legitimação de determinados sentidos hegemônicos, geradores de violência simbólica.

²³ Trecho traduzido livremente da versão em espanhol: “[...] La destrucción del cuerpo se convierte en sí mismo en el producto, en la mercancía, y la acumulación ahora es sólo posible a través de contabilizar el número de muertos, ya que la muerte se ha convertido en el negocio más rentable” (Valencia, 2010, p. 16).

dos efeitos da divisão naturalista entre natureza e cultura é a transformação dos corpos não meramente em objetos (pois não é qualquer tipo de objeto), mas em mercadoria. Voltando a Cusicanqui, ao denunciar o assédio à diversidade de modos de pensar, a autora é implacável à crítica ao marxismo, fazendo coro à postulação de Sayak Valencia.

É a partir da *crítica da crítica* que a reflexão de Viveiros de Castro ressoa, ao mobilizar o pensamento de povos nativos do continente e a teorização de Cusicanqui, quando o autor retoma o lema zapatista – “Queremos um mundo onde caibam muitos mundos” (Viveiros de Castro, 2026, s/p) – como uma das fórmulas da *cosmopolítica*. Há em *Um mundo ch'ixi é possível* (2024) uma formulação que resgata o núcleo epistemológico desta proposta (e de Rita Segato) ao reivindicar um modo de ser no mundo (que entendamos aqui como um modo de posicionamento semiótico) que não negue o pensamento do Norte Global, mas que deixe de excluir as formas andinas de cosmologia:

[...] era preciso reeducar o mundo *cholaje mestizo* e as próprias elites intelectuais do país, de forma que se assentassem em sua terra e em seu tempo, reconhecendo a energia e o potencial do mundo índio para a construção do país. Era necessário ensinar-lhes a conversar com esse vasto mundo em seu(s) idioma(s) e fazê-lo com a curiosidade e o desejo de (re)conhecimento, mas também o afã de autoconhecimento. (Cusicanqui, 2024, p. 35)

Do nosso ponto de vista, uma chave de leitura importante nessa afirmação da autora é o “(re)conhecimento”, que não trata de identificar algo que já era conhecido, mas de dar ênfase à etimologia e ao prefixo do termo, deixando vir à tona os sentidos de *re-cognoscere* (conhecer de novo), isto é, quebrar o automatismo e chegar à *revelação*. O problema, inclusive, é semiótico, como alerta Cusicanqui, de uma falta de atenção e crítica aos usos e ao significado das palavras, razão pela qual termos como *cidadania* e *descolonização*, para ficar em dois exemplos, transformam-se em “palavras mágicas”. “Chamei essas palavras de ‘mágicas’ porque têm a magia de silenciar nossas inquietudes e ignorar nossas perguntas” (Cusicanqui, 2024, p. 50). Outra palavra que merece atenção semântica e semiótica é *economia*, pois seu sentido não está (ou não deveria estar) reduzido ao capitalismo, afinal a *economia ch'ixi* mobiliza uma outra lógica, que, por sua vez, engendra outra política, de ordem cosmológica. O próprio termo *alter-nativo* tem a ver com a proposição de uma *perspectiva outra*, uma sintaxe própria que jamais é totalmente apagada apesar do projeto colonial permanentemente em curso. Esse problema semiótico trazido por Cusicanqui germina linhas de conexão com a abordagem de Pross sobre os modos pelos quais as violências dos signos se constituem.

Observando a questão política de um ângulo mais amplo, percebemos um vício de origem do pensamento marxista obcecado por uma aversão radical às trocas comerciais, ignorando a importância da mercantilização. Afinal, como está bem documentado por autores como Strathern (2006) e Mauss (2017), o escambo é algo corriqueiro entre vários povos nativos. Se as atuais trocas capitalistas fazem da destruição dos corpos uma versão contemporânea da acumulação do capital, as trocas ch'ixi propõem uma dinâmica que reintegra as transações ao cosmos.

Estas são formas de tratar o dinheiro como valor de uso e reintegrá-lo à sua origem: os veios de mineral que jazem nas montanhas, cujas energias têm o poder de fornecer sorte ou azar às trocas. Assim, as múmias de Arequipa tinham a dupla função de atrair a fertilidade dos produtos e a do próprio dinheiro, convertendo as relações e alianças comerciais em pactos sagrados de lealdade e reciprocidade. (Cusicanqui, 2024, p. 63)

Ainda que esta proposição andina não resolva o problema da difícil reconciliação entre universal e particular, ela nos oferece uma *alter-nativa* à encruzilhada paralisante do pensamento mononaturalista, afirmando os dois termos da equação em uma lógica propriamente cosmopolítica: as trocas são entre humanos e humanos-outros (os espíritos). E isso nos leva à segunda fórmula da *cosmopolítica*, engendrada por Ailton Krenak, pois afinal quem é o “nós” quando estamos falando em humanidade? Viveiros de Castro (2026, s/p) sintetiza, numa pergunta, o problema formulado por Krenak.

E somos mesmo uma humanidade, uma espécie excepcional, um hapax ontológico dotado de um suplemento espiritual que nos distingue do resto dos viventes, ou somos uma colcha de retalhos simpoiética, uma federação orgânica heterogênea, semelhante nisso a qualquer outra forma de vida terrestre?”

A provocação nos lança, novamente, ao exemplo anedótico do camponês e do porco, trazido por Berger, no qual não há uma relação de troca mercantil entre um e outro, de dominação, mas, ao que parece, de antropofagização.

O assunto é amplo e toda a discussão ensejada não cabe no âmbito deste texto. Contudo, à glosa de encerramento da seção, cabe sublinhar que o desafio para superar a *política da violência* e chegar a uma *cosmopolítica*, envolve a construção de um mundo em que caibam muitos mundos – do zapatista Subcomandante Marcos a Silvia Cusicanqui, de Ailton Krenak a Nego Bispo.

[...] o desafio de “incluir os não-humanos na teoria política” não é apenas o de complexificar a distinção entre Natureza e Sociedade, mas o de introduzir outras naturezas, povoadas por seres aos quais o mundo (oficial) da modernidade não reconhece cidadania política, e, em muitos casos, sequer consistência ontológica. (Viveiros de Castro, 2026, s/p)

A questão, portanto, voltando a um eixo fundamental deste artigo, é *semiótica*, pois política, na medida em que requer a capacidade de formulação e compreensão dos fenômenos de forma alargada, cosmológica, estendendo a humanidade para além dos limites de nossa espécie e agregando ao parlamento dos falantes *humanidades-outras*.

5. Considerações finais

Os cenários que organizaram este artigo foram construídos na interconexão entre cultura, comunicação e cosmopolíticas, tendo como fio condutor a semiose da carne e a potencial violência que ela pode gerar. No recorte escolhido, os modos pelos quais se realizam os processos de significação da carne, faz-nos entender a importância de uma “alfabetização semiótica” como propõe a Escola Tartu-Moscou, mas, também, permite compreender a relevância de uma comunicação mais horizontal e menos vertical, na perspectiva de Pross. O autor entende, igualmente, que estudar as maneiras de ordenamento do mundo (a cultura) e a produção sónica e comunicacional que advém daí, leva a identificar estruturas simbólicas de poder e, dessa maneira, discursos atrelados à lógica de dominação que operam, na maioria das vezes, pela imposição dos símbolos e pelo apagamento de sentidos. O cerne do pensamento crítico de Pross está, justamente, em investigar os modos como a comunicação e o *socius* se organizam em relação aos fenômenos e, portanto, em relação à produção de sentidos.

Os dados reunidos ao longo do artigo comprovam em números a variedade de representações que o signo da carne assume na cultura contemporânea. Isso acontece através de diversos processos de significação que se desenrolam e se fortalecem ao longo do tempo, fazendo com que, em muitos deles, a violência se torne intrínseca, sem que necessariamente desenvolvamos um pensamento crítico e compatível com as informações disponíveis. É também dever da Comunicação e da Semiótica agir sobre isso, uma vez que, reforçando múltiplas opressões, parecemos ainda sustentar o insustentável. Nesse sentido, cabe questionar: "de tudo o que veio antes de nós, o que deve permanecer?" (Adams, 2018, p. 274).

Por outro lado, desnaturalizar o Naturalismo – ontologia dualista que sustenta o capitalismo e os processos de objetificação mercantil –, e com isso o binarismo reducionista, é um passo fundamental para compreendermos as dinâmicas comunicacionais que banalizam a violência em suas inúmeras expressões, especialmente, no caso deste artigo, daquelas voltadas à redução da vida à fragmentação mercadológica da carne, seja no sentido literal ou figurado.

A saída para os dilemas da dominação, como vetor de violência física e simbólica, amplamente discutida neste estudo, não passa, evidentemente, pela formulação de uma resposta ao problema de fundo, senão pela proposição de novas perguntas que se tornam possíveis uma vez que a história da violência da carne passa a ser contada. “Estar apaixonado significa estar no mundo, estar em conexão com a alteridade significativa e com outros que significam, em diversas escalas, em camadas locais e globais, em teias que se ramificam. Preciso saber como viver com as histórias que agora conheço” (Haraway, 2021, p. 88). É fundamental se afetar pelo mundo para que possamos afetá-lo.

Enfim, do ponto de vista da comunicação, revelar violências que atravessam os processos de semiotização e apontar para cosmopolíticas outras permite avanços em direção ao pensamento crítico, desenredando o problema semiótico apontado por Cusicanqui, a começar pela evitação das “palavras mágicas”. A chave pode estar na busca pela essência do “(re)conhecimento” para, então, parafraseando o lema zapatista, desejar uma comunicação em que caibam muitas comunicações-outras.

Referências

- ADAMS, C. J. **A política sexual da carne**: uma teoria feminista-vegetariana. 2. ed. Tradução: Cristina Cupertino. São Paulo: Alaúde Editorial, 2018. 384 p.
- BERGER, John. **Por que olhar para os animais?** São Paulo: Fósforo, 2021.
- CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Um mundo ch'ixi é possível**: ensaios de um presente em crise. São Paulo: Elefante, 2024.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HARAWAY, Donna. **A reinvenção da natureza**: símios, ciborgues e mulheres. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2023.
- HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Tradução: Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- LOTMAN, Iuri; USPENSKII, Boris; IVANÓV, V. **Ensaio de Semiótica Soviética**. Lisboa: Livros Horizonte, 1981.
- LOTMAN, I. **La semiosfera I**: semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: UBU Editora, 2017.
- NOTH, W.; SANTAELLA, L. **Introdução à semiótica**. São Paulo: Paulus, 2021.
- PROSS, Harry. **Estructura simbólica del poder**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1980.
- PROSS, Harry. **Hierarchy of political values and their communication**. Disponível em: https://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/PROSS%20Harry/hierarchy_of_political_values_and_their_communication.pdf. Acesso em: 02 fev. 2026.

PROSS, Harry. **Medienforschung**. Darmstadt: Carl Habel, 1971.

SEGATA, Jean; MUCCILLO, Luísa; BECK, Luiza. **A Covid-19 e o capitalismo na carne**. Tessituras, Pelotas, v. 8 n. 1, pp. 354-373, jan.-jun. 2020. Disponível em:
<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/19730>. Acesso em: 23 jan. 2026.

PROSS, Harry. **La violencia de los símbolos sociales**. Barcelona: Antropos, 1989.

STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia**. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

VALENCIA, Sayak. **Capitalismo Gore**. Santa Cruz de Tenerife, ES: Editorial Melusina 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Cosmopolítica**. Teia dos Povos, 2026. Disponível em
<https://teiadospovos.org/cosmopolitica/>. Acesso em: 25 jan. 2026.